

A AMERICA

ASSIGNATURAS

PUBLICAÇÃO QUINZENA, SCIENTIFICA,

ASSIGNATURAS

CORRE

LITTERARIA, COMMERCIAL, INDUSTRIAL E NOTICIOSA

PROVINCIAIS

Anno... 64050

ADMINISTRADOR = FILINTO D'ALMEIDA

Anno... 74000

Anno I |

Rio de Janeiro, 20 de Janeiro de 1880

Num. 7

A AMERICA

Rio, 20 de Janeiro de 1880

MEIO CIRCULANTE

MOEDA METALICA

Em nossos artigos anteriores apresentamos as leis economicas, que governam o meio circulante, qualquer que seja a sua especie — moeda metalica, e notas ao portador e a vista ou papel moeda inconvertivel. Evidenciamos até a sociedade que o meio circulante é, como toda a mercadoria, procurado para o uso que tem, isto é, de fazer circular as mercadorias e que, portanto, não pôde existir em quantidade maior do que a reclamada, no momento, para aquelle effeito. Dahi concluímos, logicamente, que todo o systema, que tem por fundamento a emissão do meio circulante, baseando-se sobre objectos de valor dito real, taes como os predios, a terra, as rendas publicas, as pedras preciosas etc, sem attender á necessidade do numerario como meio de circulação, ou por outra, a lei da offerta e procura respectivas, incorre em censura de lawismo, e sujeita os paizes, em que for adoptado, as mesmas catastrophes que soffreu a França em consequencia da applicação das idéas do Law; e isto, porque é o meio circulante procurado para o seu uso e effeitos, que são outros e muito diversos do uso e effeito dos predios, da terra, das rendas publicas etc. Dahi concluímos, outro sim, e com mais forte razão, que as nações, cuja moeda é o papel moeda inconvertivel, o qual é emitido quando se carece de dinheiro, que não pôde ser resgatado com facilidade e emitido novamente, segundo as necessidades do momento, da lei da offerta e da procura, está constantemente sob a imminecia de crises monetarias e commerciaes, que se manifestam por continuas oscillações do cambio com grave prejuizo do commercio e da nação.

Será agora nosso trabalho demonstrar a verdade desses principios em cada uma das especies do meio circulante adoptadas nos paizes civilizados.

Começamos analysando e discutindo a natureza e fins da moeda metalica.

Pedimos toda a attenção aos nossos leitores.

A moeda metalica é de uma natureza mixta: ella vale pelo peso e quantidade do metal que contém do poder de comprar ou de fazer circular as mercadorias. Como moeda, porém, o seu uso é a circulação das mercadorias ou o poder de comprar.

Os dois valores da moeda metalica, embora geralmente se identifiquem, confundam-se em um só, são todavia completamente distinctos.

Esta é a razão, porque, em circumstancias normaes, uma nota, isto é, um pedaço de papel estampado, vale tanto como uma moeda do melhor e mais puro ouro.

A vantagem da moeda metalica é a sua universal accettazione, o que deu logar a que dissesse Adam Smith, embora não comprehendesse ainda todo o alcance de tão sabia proposição, « que um guinéu é uma letra de cambio saccada sobre todo o universo commercial. »

A offerta e a procura do ouro e da prata, como mercadorias, são determinadas pelo uso e utilidade que tem estes metaes para os diversos misteres a que são destinados, e a offerta e procura da moeda pelo seu uso e utilidade, como moeda isto é o poder de comprar ou de fazer circular as mercadorias.

Figuremos um paiz onde seja impossivel ou excessivamente dispendiosa a desmonetisação. Imaginemos que, em um tempo, em virtude de um facto qualquer, a moda por exemplo, sejam os adornos de ouro e prata com intensidade procurados. O corollario fatal desse facto será alla extraordinaria dos preços dos adornos, e, portanto, sendo esse preço bastante remunerador, não duvidarão os ourives comprar os metaes por preço relativamente alto.

E como o valor da moeda se conservará o mesmo em relação ás demais mercadorias, poderemos com segurança affirmar que subio o preço dos metaes sem que soffresse o valor da moeda alteração.

Se não ficaste, leitor, ainda convencido, figurae-vos, nestas condicções, ourives, e imaginae que alguém, apre-

sendo-vos uma porção de moedas de ouro contendo um certo peso do metal, exija que ellas compreas por preço igual aquelle porque compreas identico peso de ouro. Equivaleria semelhante proposta a pedir-vos que comprasseis uma certa quantidade de moedas, por maior numero de moedas da mesma qualidade e pezo e vós certamente repellenteis a proposta.

E se o proponente vos objectasse, — que não comprehendia o vosso procedimento, recusando pagar pelo preço por que compreas o ouro, o mesmo pezo de ouro em moeda, sem trepidar responderieis «com o ouro e a prata eu posso fabricar adoncos que me serão á vista da procura que dell es ha muito bem pagos actualmente, e as vossas moedas ja-mais conseguirei trocar por numero maior de moedas de igual valor.

Embora, portanto, seja a moeda feita de ouro e prata, embora geralmente se identifiquem os dois valores, devemos, para evitar graves erros economicos, infelizmente tão communs, até notaveis economistas, distinguil-os.

Passa esta differença dos valores geralmente despercebida, porque, sendo os preços das mercadorias determinados pela quantidade de moedas que as compra, e sendo a moeda de ouro e prata, é necessario accurada attenção para distinguir o que foi que subiu e desceu de valor no momento, se o metal, se a moeda.

Demais são os valores das diversas moedas, em sua escala gradativa, determinadas pelo pezo de metal que ellas contem, e é desta qualidade que provem a sua universal acceptação; de sorte que uma moeda, que contem menor pezo de metal do que o affiançado em seu cunho, está depreciada, soffre um desconto na compra das mercadorias em relação ás moedas de pezo integral.

Ha aqui um outro facto que difficulta a distincção assignalada.

Entretanto é esta distincção de essencial importancia, e por não ser, geralmente, reconhecida, é que tem o mundo soffrido tantas calamidades das doutrinas Lawistas, e estará sob a imminencia dellas enquanto não for definitivamente estabelecida.

E' verdade que, no gráo do progresso e civilização actuaes, o valor da moeda só excepcionalmente e por pouco tempo deixa de acompanhar a alta e baixa dos respectivos metaes; mas para bem comprehender a theoria e pratica da moeda e evitar erros fataes, não devemos perder de vista que os metaes preciosos e as moedas tem uso e applicações completamente diversos, e que a utilidade e uso da moeda é pelo poder que nos dá delexigir serviços, e que, portanto, sendo ella requerida por esta qualidade são a sua procura e offerta determinadas pela sua necessidade para este effeito e que, portanto, devem a sua quantidade e valor guardar relações, unicamente, com os serviços exigíveis e com a

circulação variavel que podem as mercadorias ter nos diversos tempos.

Um exemplo, no reverso do que acima figuramos, completará a demonstração do nosso principio.

Quando as pulseiras, brincos e broches affluem para um paiz, alem das necessidades do mercado, o seu preço cabe, com certeza, abaixo do valor do pezo do metal, conforme a pressão dos ourives, manifestada pela offerta, quando o custo da fusão e da exportação não é compensado pelo excesso do valor que poderem os ourives obter por esses objectos fundidos ou exportados.

O mesmo succede com o trigo, o café, o algodão ou outra qualquer mercadoria, que são não raro vendidos por preço abaixo dos gastos e até do simples gasto da produção pelo lavrador ou fabricante.

São estes os casos de vendas com prejuizos, os quaes, muita vez, são relativamente proveitosos.

Evidenciado que as moedas de ouro e prata dexem guardar relação de equilibrio com o poder de comprar e com a sua procura para este mister, estudaremos nos artigos subsequentes, antes de passar adiante, os phenomenos da moeda em um paiz, onde o unico meio circulante seja a moeda metalica, e provaremos que são identicos os casos, em que o meio circulante seja a moeda metalica e notas a o portador á vista, ou o papel moeda inconvertivel.

JOAQUIM MARTOSO.

ECONOMIAS POPULARES

POR A. DE LAMARCHE

Caixas economicas, caixas economicas escolares, escriptorios d'economias das fabricas e officinas.

(Vide nos. 1, 2, 3, 4, 5 e 6)

VI

Historico das caixas economicas escolares

No congresso internacional de beneficencia que teve logar em Bruxellas no anno de 1856, pronunciaram-se muitos discursos sobre a utilidade de desenvolver, desde a infancia e no decurso da adolescencia, o sentimento da ordem e da providencia, e sobre os diversos meios de dar este complemento de educação popular: pequenos manuaes ao alcance da intelligencia das creanças, e organizações de providencia apropriadas aos recursos e aos habitos das creanças, como pequenas caixas economicas recebendo na escola as pequenas economias dos alumnos.

Essa recommendação não produziu effeito na Belgica senão dez annos mais tarde, em 1866, quando M. Fr. Laurent, professor de direito civi

na Universidade de Gand, tomou a peito dotar as escolas da cidade de Gand com esse novo ramo de educação; elle applicou-se sobretudo a duas cousas, e em primeiro logar a demonstrar aos mestres, ás familias, aos alumnos, o valor moral da propaganda; fazendo-o por meio de um pequeno livro: *Conferencias sobre a economia na escola* que dentro em pouco foi publicado em flamengo assim como em francez pelo governo belga, e espalhado na quantidade de dezo mil exemplares; — em seguida regulou as operações na escola e as relações com a caixa economica da cidade pela maneira que lhe pareceu mais educadora; foi o methodo como aquelle pouco mais ou menos que vimos no Mans desde 1840 até 1870, como aquelle que, desde 1874, temos em França, salvo certas correccões ou melhoramentos resultantes em 1874 das experiencias dos nossos vizinhos.

Desde o primeiro mez da reabertura das classes, em Outubro de 1866, duas escolas communaes de Gand foram munidas de caixas economicas escolares; e pouco a pouco, graças ao incitamento que lhe deu o conselho communal, pela commissão das escolas da cidade e por duas sociedades livres de beneficencia popular, a instituição propagou-se em todas as escolas gratuitas da cidade, nas escolas pagantes, nas salas d'asylo mesmo, e finalmente nas escolas de adultos. Em summa, sete annos depois, em 1873, de 15.000 alumnos das escolas de Gand, mais de 13.000 tinham conseguido por intermedio da pequena caixa ter uma caderneta da grande caixa economica. A idéa tinha vingado e devia propagar-se. Animado por um premio de dez mil francos, e secundado pela acção e os meios de uma sociedade que se organizou para este fim, M. Laurant viu a caixa economica escolar estabelecer-se nas escolas de Bruxellas, de Liege, de Namur, de Bruges, etc. Entretanto, a instituição attingiu pouco os campos, e ficou sobretudo concentrada em algumas cidades importantes, onde poderosas iniciativas a impunham e mantinham. Além de certas causas estranhas talvez ao dominio puramente economico, notou-se a falta de uma roda no mechanismo: era a imprudente tolerancia deixada aos pais de fazorem passar as suas proprias economias pela escola para assim evitarem o encummodo de ir á caixa economica, dois graves inconvenientes resultaram desde logo dessa pratica; a creança que não deposita as suas economias só mas tambem as da familia, não comprehende mais o mechanismo da instituição; ella procede como um moço de recados, e o beneficio educador é diminuto e desaparece; por outro lado, o professor, em logar de dar a seu cargo durante o correr do mez senão alguns solidos montando no total a uma somma modica, acha-se obri-

gado por sommas que excedem a sua responsabilidade possivel. E é por isso que muitos professores têm recusado este encargo excessivo, aconselhados em tal resolução pelas autoridades escolares.

O governo belga (especialmente o administrador belga mais autorizado e o mais dedicado nestes negocios, M. Leão Gans, director geral da caixa economica e de aposentadoria da Belgica), muitas vezes certificou nos seus relatorios officiaes, tendo em consideração os esforços de M. Laurant, que se devia attribuir em grande parte a multiplicação das caixas economicas escolares na Belgica a marcha ascendente das cadernetas e das sommas depositadas na caixa nacional economica da Belgica, pela influencia que os alumnos exercem em suas familias, a quem levam as suas cadernetas da grande caixa economica, e, por este instrumento de propaganda, iniciam seus pais no mechanismo e nas vantagens da caixa economica.

Esta observação, que tivemos occasião de fazer tambem mais recentemente em Inglaterra, na Italia e na França, é importante notal-a aqui, porque ella pode esclarecer as administrações das nossas caixas economicas sobre os seus proprios interesses demonstrando-lhes que para a sua propria fortuna interessa-lhes favorecer as caixas economicas escolares, e conceder para este serviço aos instituidores todas as facilidades possiveis.

Em 1873, achando-me na Áustria, encarregado de uma missão scientifica para o estudo das instituições de previdencia popular, tive occasião de consultar os numerosos documentos reunidos em um pavilhão especial edificado no parque da Exposição Universal e consagrado as caixas economicas, ás instituições economicas dos diversos paizes, verifiquei assim, entre outros factos, muitas experiencias relativas ás caixas economicas escolares; estudei as imperfeições de processo reconhecidas, os melhoramentos experimentados e as consequencias. Ao mesmo tempo, tive occasião de entretar-me sobre este assumpto com um dos homens de estado mais attento ás questões sociaes, Franz Deak, o grande patriota da Hungria, que me disse quanto apreciava as caixas economicas como instrumento de civilisação, e as caixas economicas escolares como o melhor meio de transformar pela educação moral e economica das creanças os costumes de um povo.

Voltando a França, resolvi como ensaio dotar as nossas escolas com caixas economicas escolares, e neste intuito especial visitei a Belgica e a Inglaterra, onde já muitas missões me tinham creado relações uteis aos meus estudos; formulei o regulamento, segundo as observações que fizera das partes boas ou imperfeitas nos processos es-

francêzes, e publiquei o *Manual das Caixas Economicas escolares em França*, que o ministerio da instrucção publica enviou aos inspectores academicos e ás escolas normaes, e o ministerio do commercio e da agricultura, ás caixas economicas e ás camaras do commercio; eu mesmo espalhei esse manual offerecendo a quem me pedia; e, respondendo a qualquar pergunta, percorri muitas vezes os nossos departamentos para ahi fazer conferencias; a sociedade das instituições de providencia, fundada a 14 de Novembro de 1875, sobre nossa proposta, e sob a presidencia de um dos decanos do Instituto, M. Hypolito Passy, antigo ministro das finanças e do commercio, dirigio, a 20 de Agosto de 1876, uma circular muito fundamentada aos conselhos geraes, e desses, vinte e um responderam votando creditos, na media de 1,000 frâncos, para fazer face ás despesas miudas de impressos para a contabilidade escolar, ou recompensar com medalhas e premios os professores e os empregados de caixa economicas, ou animar os alumnos por meio de boas pontas centessimos.

(Continua.)

NOVO SYSTEMA FINANCEIRO

por J. P. Jaquet

Os bancos hypothecarios

(Continuação do n. 4)

II

Os bonds hypothecarios serão a prazo de um anno e taxados em 1/2 %; bem como, uma vez emitidos, é obrigatorio passar, durante o prazo concedido, por mão de vinte portadores; os quaes successivamente collocão no titulo, sempre que for negociado, um sello identico ao que se deita na correspondencia por via do Correio.

Estes sellos serão creados e vendidos pelo Estado.

Os bonds de 4000 serão sujeitos ao sello de 20 réis; os de 10\$ ao de 60 rs.; os de 20\$ ao de 100 rs.; os de 30\$ ao de 160 rs.; os de 40\$ ao de 200 rs.; os de 80\$ ao de 400 rs.; e os de 200\$ ao de 900 rs.

Cada bond de 40\$, por exemplo, devendo passar no decurso do anno, entre mãos de 20 possi-

dores, contribuirá de sua parte para estabelecer um movimento de valor equivalente a 800\$, nas

operações mercantis, produzindo — pela venda do sello, 4\$ no 1.º anno.

A somma de mil contos de réis representada em propriedades mobilizadas, circulando sob o typo de bonds hypothecarios — representará um algarrismo de 20 mil contos de transacções reais, produzindo o sello vendido 100 contos por anno.

Estas rendas annuaes, producto desse imposto, serão depositadas em uma Caixa especial que, tanto por fim descontar os bonds hypothecarios, fará augmentar a venda, e assim crear recursos para o reembolso desses mesmos titulos no ultimo anno de sua circulação.

Já dissemas que cada bond deve ser negociado vinte vezes durante o anno; é uma condição rigorosa, tanto que, o infraactor fica sujeito a penalidades: Se o portador do bond hypothecario conservado em seu poder até o vencimento, embora tenha o direito de fazel-o, ficará obrigado, no acto de trocar o titulo por outro correspondente ao anno seguinte, a pagar tantos sellos quantos forem os que faltarem para preencher os vinte exigidos.

Nunca, porem, este facto se realisará, porque se o possuidor do titulo não tiver occasião de transferil-o, por meio de operações commerciaes, poderá trocal-o por moeda, ou deposital-o na Caixa economica, como meio de evitar a multa. Sobre esta parte, mais tarde fazemos as nossas observações.

No fim do primeiro anno, o ultimo portador do bond se apresentará na sede do Banco, ou em qualquar das suas filiaes, para cobrar o valor representado no titulo que deve ter o numero 1 do primeiro anno. Verificado o bond, é o mesmo immediatamente sujeito a um sello especial — que o inutiliza, e trocado por outro com o numero 2 do 2.º anno.

Este terá a mesma circulação durante o annos por meio de vinte transferencias, e sujeito ao, vinte sellos até o vencimento, em que será substituido pelo do numero 3 do 3.º anno, e assim por diante.

Fica bem entendido que o numerario servirá para ser dado pelo resto do pagamento dos bonds hypothecarios; mas aquelle que receber uma quarta parte, ou terça, ou metade de seu valor, em numerario, por pagamento feito com um bond,

terá a seu favor a quarta, terça, ou metade do valor do sello, isto é, na mesma proporção.

No fim do decimo e ultimo anno, o Banco ou antes o Estado — reembolsará integralmente em numerario os ultimos portadores dos mil contos de réis emittidos, reembolso que lho será facil desde que deverá ter em caixa os 600 contos obtidos da 1.ª emissão; mil contos do producto dos sellos, além dos interesses dessas sommas, durante dez annos, deduzidas as despesas geraes, para as quaes se deve contar com o producto dos descontos dos bonds, a taxa sufficiente para isso.

Apresenta-se aqui uma combinação nova, correlario do nosso principio de mobilisação, que demonstra a exactidão e as vantagens de seus resultados praticos.

Em lugar do reembolso em numerario dos bonds hypothecarios no fim do ultimo anno da sua circulação, o Estado transformará o banco hypothecario em banco nacional ordinario, com emissão de notas como as do banco de França, no limite de uma somma igual a que se destinar para o reembolso dos bonds hypothecarios.

Estas notas serão dadas em pagamento aos ultimos portadores dos bonds, e ninguem as recusará desde que ellas são garantidas pelos dois mil contos de numerario em caixa, e girará com toda a liberdade e sem imposto algum; trocar-se-hão á vontade, ao par, em qualquer especie, na sede do Banco e nas filiaes; e, como esses dois mil contos, formando o capital do banco nacional, provirão especialmente do producto da venda dos sellos dos bonds hypothecarios, pagos pelos negociantes, por cada operação commercial, durante os dez annos, a lei que sancionou essa transformação, fixará invariavelmente a taxa de desconto em 2 %; é quanto basta para remuneração, desde que o banco, pagas as suas despesas geraes, e não tendo a pagar juro algum, nem dividendo, nem embolsar nenhum capital, é fóra de duvida que cada anno só terá de augmentar o seu activo; além de que é de justiça que e Commercio venha a gosar esse beneficio da taxa modica, desde que concorrer com os recursos para constituir-se o banco nacional.

Em presença de taes vantagens feitas ao Estado, ao Commercio, á Industria, na actualidade

e para o futuro, quem se poderá queixar da criação de bonds hypothecarios, de curso forçado, durante dez annos e do direito ao 1/2 % sobre o valor da circulação.

Quando a applicação de um principio produz taes resultados, tão extranho não póde elle parecer; e uma vez que é exacto e justo, deve ser estudado com todo o cuidado, antes de ser desprezado como uma utopia.

Poder-se-ha talvez allegar que a transformação do banco hypothecario em banco nacional constituirá um segundo banco de França?

Mas que importa isso, desde que não será mais de que um estabelecimento financeiro privilegiado fazendo descontos como os outros bancos, de sorte a cessar o monopólio mais nocivo do que util ao Commercio?

A critica posição em que o tractado de paz collocou as finanças da França, em favor de nosso systema, offerecendo oportunidade para a sua applicação.

Estamos convencidos de que a Russia não accedará em pagamento dos cinco mil contos, os productos de todas as nossas industrias; logo é necessario, para não impedir a produção, a circulação e o consumo dos productos, crear um valor fiduciario que repouse sobre uma garantia real.

Os bonds hypothecarios, a este respeito, nada deixará a desejar.

A QUESTÃO SOCIAL

Relatorio apresentado ao Congresso de Lausanne, em 27 de Setembro de 1871

por CH. LEMONNIER

(Continuação)

VII

Medidas assegurando a cada um e a cada uma o desenvolvimento de suas facultades phisicas intellectuaes e moraes.

Diremos uma palavra apenas sobre o auxilio publico pela Communa, pelo Departamento, pela Nação e mais tarde pela Federação. Este auxilio deve ser leigo e se estender aos velhos, aos inválidos, ás crianças que se acham sem recurso sem familia; deve comprehender os casos de des-canço forçado, que deixam na miseria mesmo,

peçoas validas. Portanto nós não firmaremos o dever de assistancia sobre o mesmo principio em que se basã o direito de propriedade. Um não é consequencia do outro. Somente este, rigorosamente fallando, tem o direito de tornar proprietario áquelle que pôde e, sobretudo, que quer trabalhar; nem o velho, nem o invalido, nem o doente estão neste caso. O dever de soccorrel-as nasce sobretudo desta consideração: que o estado de sociedade em que forçadamente vivemos, sendo a maior parte das vezes, pelas complicações accidentaes á que elle conduz, senão a unica causa, ao menos uma das causas principaes dos soffrimentos e das miserias que attingem aquelles de cuja sorte nos occupamos, as pessoas que gosam dos beneficios desta sociedade, têm, por isso mesmo, a obrigação de indemnisar aos que são de alguma sorte suas victimas.

Entre as medidas que propomos não incluímos nem a distribuição pelo Estado de instrumentos de trabalho, nem o que se tem algumas vezes chamado direito ao credito. A repartição ou mesmo a locação pelo Estado, pela communa, pela Provincia, pela Nação, pela federação, de instrumentos de trabalho suppondo a abolição prévia da propriedade, acha-se em contradicção formal com o principio da autonomia. Quanto ao credito que facultaria o Estado aos individuos, debaixo de qualquer forma que seja, equivale á uma repartição de instrumentos de trabalho e entra no caso precedente.

E' muito diverso do dever de assegurar a todos e a todas, pela liberalidade da educação e da instrução a todas as classes com o desenvolvimento de suas faculdades, o meio de adquirir a propriedade pelo trabalho. O direito á educação e á instrução não é mais do que o Direito á propriedade; é, propriamente fallando, a forma pratica do direito ao trabalho, de que tanto se tem fallado.

Tem-se affirmado que foi o mestre de escola prussiano que fez a campanha da Austria e a campanha de França; nós diremos que é ao mestre e á mestra de escola da Europa que dever-se-ha a transformação social. Quanto mais se considerar a formula para a qual nós temos levado a questão social: *Tornar facil a todos a accessão á propriedade pelo trabalho*, tanto melhor ver-se-ha que é verdadeiramente um meio effcaz para os proprietarios pagar a sua divida em favor dos não proprietarios: é collocar cada não proprietario, cada individuo que sobrevier, homem ou mulher em plena liberdade, em pleno desenvolvimento de suas faculdades pessoais. O primeiro

instrumento de trabalho para o homem é o proprio homem; o primeiro capital é a posse plena e inteira de suas proprias faculdades.

Accrescentamos que é preciso apressar-se a pagar esta divida, porque a diffusão da instrução e da educação é o mais firme penhor que possam ter os proprietarios, ao mesmo tempo que é o mais effcaz dos remedios contra a miseria. Este progresso deveria proceder e preparar todos os outros.

A educação e a instrução, ambas leigas, a instrução não só primaria, mas em todos os graus — secundaria e superior, devem deixar de ser um privilegio; devem ser sociaes, isto é, pertencer indistinctamente á Communa, á Provincia, á Nação, á Federação e ser posta á disposição de todos e de todas. Já o temos dito, e repetimol-o: a base da questão social não é a collectivisação do capital que detenia com todo o estimulo, toda economia individual, e que aliás fere a autonomia da pessoa, suprimindo a propriedade, mas a distribuição livremente feita entre o trabalho e o capital, do producto liquido que assiste depois da attribuição a cada um de seus dispendios e de sua retribuição. Não é senão pela attribuição ao trabalhador de sua porção neste producto liquido que este pôde se elevar á propriedade pela economia; e como seria contraditorio ao mesmo principio que esta repartição fosse imposta arbitrariamente, não resta senão um meio, o que nasce da discussão dos contractos.

(Continua.)

A IGREJA E A INSTRUCÇÃO

IV

Instrução primaria

Alguns annos antes da reunião do concilio de Paris (1255) quando os frades se encontravam em toda a parte nas parochias e nos collegios, a igreja perturbou-se em consequencia de cousas contrarias ao progresso da instrução.

Tendo terminado os seus estudos elementares ou secundarios, centos alumnos renunciavam a proseguir seus trabalhos; outros abandonavam a escola antes do termo exigido; muitos finalmente manifestavam ao mesmo tempo o desejo de aprender e o pesar de não poder entregar-se ao estudo.

Entre esses discipulos e a sciencia, levantava-se um obstaculo. Esse obstaculo, nós o conhecemos ainda: era a pobreza.

A Igreja que, para favorecer a frequencia das escolas, tinha anteriormente decretado a instrucção *obrigatoria*, a Igreja declarou que a instrucção seria *GRATUITA*. Mas, se entez a instrucção obrigatoria da maneira porque foi decretada pelos concilios, e a instrucção obrigatoria conforme a pedem actualmente, existe uma immensa differença, maior é ainda a differença que separa a *gratuidade* admittida desde o seculo XII, da gratuidade que se reclama no seculo XIX.

Hoje, quer-se que o Estado, os departamentos ou as communas, isto é *todas* os contribuintes paguem em vez e lugar de certas familias isto é de *alguns* contribuintes, ainda mesmo que *esses* contribuintes tenham os meios necessarios para pagar a instrucção de seus filhos.—No seculo XII, a Igreja concedia o beneficio de gratuidade a qualquer que d'elle *precisasse*. Mas em troca ella não pedia nada ao Estado nem ás provincias. Com os seus recursos *pequenos*, ella sabia prover á instrucção das escolas *pobres*.

Já o terceiro synodo ecuménico de Latram (1179) tinha ordenado a instrucção gratuita. Esta ordem, porém, foi mal cumprida. O quarto concilio de Latram, que teve lugar em 1215, renovou-a. Diz elle : Como muitas pessoas por causa de *pobreza* negligenciavam o estudo e a occasião de fazerem *progressos* na sciencia, uma piedosa disposição do terceiro concilio quer que em cada igreja cathédral, seja applicada uma remuneração conveniente para um mestre que instrua *gratis* os clérigos d'essa igreja e *outras* *alumnos* *pobres*. . . Todavia, em muitas igrejas, esta prescripção não é muito observada. Nós a confirmamos, e *acrescentaremos* que, não só as igrejas cathedraes, mas tambem as outras igrejas que possam supportar o encargo, estabeleçam um mestre habil nomeado pelo prelado e o capitulo ou pelos *principaes* membros d'esse capitulo (*majori ac saniori parte*). Esse mestre ensinará *gratuitamente* os clérigos d'essa mesma igreja e de outras tambem. *

A instrucção gratuita comprehendia o estudo da grammatica e muitas vezes os da rhetorica, da philosophia, da arithmetica, e outras *artes liberaes*.

Em 1260, o synodo provincial de Arles decreta que, *sob pena de suspensão*, os frades e conegos regulares não deviam pedir cousa alguma, *fosse a seus discipulos, ou fosse ás communas onde elles ensinassem*.

Eis aqui, pois, a instrucção verdadeiramente gratuita.—E a gratuidade foi concedida não só nas *pequenas* escolas, mas ainda nos collegios e mesmo nas Universidades.

PAULO ANTONINI

(Continúa)

A LIBERDADE RELIGIOSA

Dizeis que o sentimento da independencia na nossa patria é devido unicamente á religião catholica. Ensinai-vos eu, pois, por acaso que os deuses adorados por nossos pais em Numancia e em Sagunto eram os mesmos que o Deus de Saragoga e de Girona? Nos tempos antigos, quando nossos pais faziam taes sacrificios, não era á unidade catholica que elles podiam offerecelos, porque n'isso não havia a semente do catholicismo na Hespanha. Os deuses de Rhodes abordavam ás praias de Catalunha, a Diana d'Epheso sobre os promontorios de Valença, o Hercules de Tyro sobre a quasi ilha de Cadix; os deuses de Babilonia vinham sobre as margens do Bétis, entre os idolos cartaginenses e phenicios; em quanto que os Lusitanos, como os augures romanos, consultavam as entranhas das victimas; em quanto que o gallego tinha os seus bosques druidicos como os padres de Gália; em quanto que os Celtiberianos, em plena lua, dansavam as dansas sagradas diante de suas cabanas, que os Carpetanos adoravam o sol como os Persas, é que os Vasconços elevavam dolmens debaixo dos ramos de carvalho onde gemiam as almas de seus pais. Ora, se a historia, se a tradição, se os seculos devem antepor-se ao direito, á razão e á verdade, eis ahi quaes são os vossos deuses, pois que são elles que fizeram o sal da nossa patria, que acompanharam a infancia do nosso povo. Já vos disse, que a unidade catholica não existia na Hespanha até ao reinado de Felipe III, até ao dia em que desapareceu o ultimo Mouro. Anteriormente, pelo contrario, tudo nos prova a coexistencia de muitos cultos. Vieram aqui repetir os pactos dos nossos reis como os povos vencidos: Eis aqui as leis, dizem uns; eis aqui a historia, dizem outros, para provar a existencia na Hespanha, seja da unidade, seja da tolerancia. Não historia que valha os monumentos, a architectura, esta geologia do espirito. Ide ás nossas grandes cidades, ide sobretudo áquella que é como que o resumo de toda a nossa historia, a nossa verdadeira gloria

em face do estrangeiro, ide a Toledo; o que é que ahí védes? No alto da collina, o soberbo alcázar onde um Castelhanu recebeu em casamento a descendente dos Abdibitas de Sevilha; na poetica Vega, os jardins da Galiana, onde Affonso X redigiu as taboas Affonsinas e cultivou todas as sciencias com os discipulos de Averroes e de Maymouida; na Puerta del Sol, os festões orientaes, obra de architectos vencidos, que no entanto eram tolerados nos monumentos christãos; em Christo de la Luz e Santa Maria la Blanca, as joias da architectura de Cordova e da Syria, ornando o santuario onde os discipulos fieis da lei de Moysés guardavam os preceitos promulgados nos resplandores do Synai; no Transito, a synagoga esplendida edificada pelo thesoureiro de Pedro o Cruel, na epocha em que começavam já os crimes da intolerancia religiosa; á porta mesmo do grande templo catholico, o rito mozarabe, o rito gothico, fortaleza moral da nossa independencia, perdida em um dia de desgraça por Gregorio VII, pelos frades de Cluny, pelos duques de Borgonha, que dividiram o nosso territorio separando-o de Portugal finalmente pouco imponente para onde se voltam as nossas vistas, ou se dirijam os nossos passos, por toda a parte as manifestações do culto divino; acima das quaes se eleva a cathedra perfumada de incenso, a cathedra, symbolo da unidade espiritual, que entretanto não pode acabar com a variedade, existente no seio da Hespanha como no seio da natureza e da sociedade. (*Approvaçõ.*)

Ah! eu assasto-me só em contemplar as consequências da unidade religiosa. O povo hespanhol nunca as soffreu absolutamente, porque a sua queda não pôde ser completa. A sua energia, a sua força, a sua virilidade ao mal irremediavel de uma decadencia absoluta como é, por exemplo, a decadencia dos Turcos. No tempo de Felipe IV, Velasquez pôde ainda pintar os seus quadros historicos; no tempo de Carlos II, Calderon pôde ainda escrever os seus ultimos dramas. Mas, ponto de parte esses raios de luz, o que é que se vê desde que a unidade religiosa se estabeleceu definitivamente na Hespanha? E com tudo, o triumpho desta unidade nunca foi mais brilhante do que no tempo de Felipe III.

Eis pois: os judeus desaparecem, elles que levavam a Provença, á Italia, á Grecia, os productos do nosso commercio e as idéas da nossa civilisação; elles morrem, espancados nas encruzi-

lhadas, mergulhados no fundo das aguas, proscriptos nos desertos, esses trabalhadores que animavam nas officinas; a Inquisição encarcerava nas suas prisões ou queimava nas suas fogueiras malditas protestantes taes como Constantino e Cazalla, a gloria da consciencia hespanhola; no seculo XVI interrompe-se para sempre o movimento intellectual inspirado por Vives, e com elle interrompe-se a communicação da Hespanha e da Europa; o nosso espirito não se mergulha com Espinosa no ser absoluto, não se eleva com Descartes ás alturas vertiginosas do espiritualismo, não penetra com Bacon no fundo da natureza; entre as nossas Universidades, uma procura um philtro que dê uma vida eterna a Felipe III, uma outra recusa-se a acolher o bionomo, e os calculos de Newton; os espiritos esotéricos visitam-nos de noite, as bruxas os nossos conventos, o demanio e corpo de nossos reis em feitiçados; as tropas de Flandres e da Italia caem tristemente em Rocroy; a armada de Lepanto vê-se insultar pelos barbarescos, ou afundada pelos cruzadores inglezes; o nosso solo assemelha-se a um cemiterio vasto e desolado, as nossas fabricas a uma cordilheira de ruinas; a litteratura é cultista, a poesia gracionista, o pulpito inspira-se do padre Gerundio; a sciencia, da escolastica; a astronomia não é mais do que uma mistura de astrologia; a esculptura é exagerada e violenta; a architectura churrigueresca; o povo preguiçoso, a nobreza mendicante; e tres ou quatro reis, que com annos não teriam ousado encarnar-nos, fallam sem cerimonia, em despachos diplomaticos, de desmembrar a Hespanha, immenso cadaver estendido sobre o globo pela Providencia para ensinar aos povos, na clinica da historia, como perecem as raças mais illustres, quando ellas abandonam a sua consciencia a uma Igreja intolerante, a sua vontade a uma monarchia absoluta. (*Profunda sensação.*)

(*Continua.*)

OS SOES OU AS ESTRELLAS FIXAS

(CONTINUAÇÃO)

Podem-se empregar dois methodos para determinar a distancia relativa das estrellas: pode-se em primeiro logar medir a intensidade de suas luzes, o que constitue o *methodo photometrico*; pode-se estudar depois a relação que existe entre os seus *movimentos particulares*. Estes dois

meios sendo independentes um do outro e fundados sobre leis geometricas diferentes, so acontecem que elles conduzem a resultados semelhantes, encontrando-nos n'esta concordancia uma razao muito grava para acreditar na exactidão das conclusões.

Fallemos primeiramente do methodo photometrico.

A estima das distancias pela photometria baseia-se sobre estes principios, não podendo a sua verdade ser contestada: 1.º As estrellas não podem estar todas collocadas na mesma distancia de nós; 2.º As mais distantes devem por isso só parecerem-nos mais pequenas. Estes principios conduzir-nos-hiam mesmo á apreciação directa e certa de suas distancias relativas, se nós pudessemos affirmar tambem que todas as estrellas têm uma luz intrinseca igual. Mas esta terceira asserção não é nem provada nem provavel.

Devemos, pois, tratar o problema pelos methodos resultantes do calculo das probabilidades. Os resultados aos quizes chegamos serão verdadeiros para a immensa maioria das estrellas, ainda que possam achar-se em falta para algumas d'ellas; porque, na media, as excepções se destroem. Supponhamos, por exemplo, que duas estrellas parecem ser da mesma grandeza, em quanto que ellas são realmente desiguas: attribuir-se-ha á mais brilhante uma distancia pequena de mais, e uma distancia grande de mais áquella que brilha menos; haverá, pois, uma compensação.

Antes de tratar da questão propriamente, os astrónomos devem ter resolvido um problema preliminar: *Semto dada uma estrella de uma grandeza determinada, que augmento se deve dar á sua distancia para que o seu brilho diminua uma unidade na ordem das grandezas?*

A classificação das estrellas que se encontra em todos os catalogos é completamente arbitraria e de pura convenção; tambem nada se pôde deduzir emquanto não se tiver medido o poder luminoso das estrellas de cada ordem, emquanto não se tiver determinado a lei physica contida n'essa classificação arbitraria, e exprimido numericamente a intensidade relativa da luz que caracteriza cada grandeza.

Muitos astrónomos têm executado essas medidas empregando diferentes methodos photometricos. O meio geralmente empregado consiste em olhar simultaneamente duas estrellas, diminuindo por um antifecho susceptivel de gradação

o brilho da mais brilhante, até que ambas pareçam ter o mesmo poder resplandecente. Por exemplo, pode empregar-se um oculis, tendo para um só oculario dois objectivos perfeitamente semelhantes: olham-se ao mesmo tempo as duas estrellas, e reduz-se progressivamente a abertura do objectivo que é dirigido sobre a mais luminosa, até ao momento em que ella se torna igual á mais fraca. Achar-se-ha nas obras especiaes a descripção dos outros meios igualmente engenhosos que os astrónomos têm imaginado e posto em pratica; contentemo-nos em indicar os resultados a que ellas têm chegado.

1.º Para as estrellas mais brilhantes, a intensidade luminosa é mais do que duplicada desde que se passa de uma ordem de grandeza áquella que precede immediatamente; mas, para as mais fracas, a relação entre as intensidades aproxima-se muito do numero 2. Assim, deixando de lado centas estrellas mais brilhantes, Syrius, Véga, etc., que foram excluidas como tendo um brilho excepcional de mais, da 1.ª grandeza á 2.ª, a relação é de 3,75; da 2.ª á 3.ª, de 2,35; da 3.ª á 4.ª, de 2,30;

2.º Para as estrellas telescópicas, a proporção segue pouco mais ou menos a mesma lei, comquanto haja descontinuidade para a passagem da 6.ª para a 7.ª grandeza, isto é no limite das estrellas visiveis á vista desarmada. Eis aqui as relações achadas por alguns astrónomos: Johnson, 2,43; — Pogson, 2,42; — Struve, 2,24; — Steinheil, 2,85.

3.º Tomando a media de todos os resultados obtidos, achamos como media geral a relação 2,42.

Suppondo este alguismo sufficientemente exacto, é facil calcular a distancia em que será preciso collocar successivamente uma estrella de 1.ª grandeza media para que ella se confunda com as estrellas de 2.ª grandeza, 3.ª grandeza etc. Eis aqui o resultado d'este calculo:

Grandezas.	Distancias.	Grandezas.	Distancias.
1. □ 1.00		9. □ 34.30	31.30
2. □ 1.55	10. □ 53.36		53.36
3. □ 2.42	11. □ 83.00		83.00
4. □ 3.76	12. □ 129.12		129.12
5. □ 5.86	13. □ 200.90		200.90
6. □ 9.11	14. □ 312.50		312.50
7. □ 14.17	15. □ 486.10		486.10
8. □ 22.01	16. □ 735.20		735.20

Segundo este mappa, vê-se que as estrellas de 6.ª grandeza, as ultimas que poderíamos distin-

guir com a vista desarmada, são 6 vezes mais distantes que as de 1.^a grandeza; sendo aquellas de 13.^a grandeza 200 vezes mais. Seria facil prolongar este mappa; mas na pratica, para não fazer um simples exercicio de calculo, é preciso saber quaes são as estrellas mais pequenas que se possam distinguir com um instrumento de um alcance dado. Poder-se-hia então fazer uma idea da profundidade com que os nossos instrumentos nos permitem penetrar no espaço.

Esta pesquisa foi feita por Struve e Pogson. Também nós a fizemos com o nosso equatorial de 9 polegadas de abertura, instrumento de uma grande perfeição e pureza rara, construido por M. Merz, de Munich. Dos trabalhos de Pogson resultam os limites seguintes para o poder penetrante de diferentes lunetas:

Diametro do objecto u.	Limite da grandeza das estrellas visiveis.
25 ^{mm}	8,1
51	9,9
102	11,3
203	12,0
254	13,4

Estes resultados, verdadeiros para o clima da Inglaterra, são muito fracos com relação ao bello céu da Italia. Nós averiguamos que com uma luneta de 65^{mm} podem-se ver as estrellas de 11.^a grandeza; com o nosso grande refractor distinguem-se facilmente, em noites ordinarias, as de 15.^a grandeza, e aquellas de 16.^a nas noites mais claras. O poder penetrante do nosso instrumento é, pois, representado por 486, tomando por unidade a distancia média das estrellas de primeira grandeza consideradas nas noites ordinarias. Comparando os nossos estudos com as observações feitas por Herschel nas noites mais bellas, achamos que o poder penetrante do nosso refractor é muito approximado aquelle do reflector de 18 polegadas inglezas de que elle se serviu para examinar o céu, e que, permitindo ver as estrellas de 16.^a grandeza, penetrava até uma distancia representada por 755 unidades.

Experimentemos fazer uma idea dessas distancias. Suppondo-se uma estrella bastante afastada para que sejam precisos dez annos para nos chegar a sua luz, a sua paralaxe seria representada por um arco de um terço de segundo, quantidade muito diminuta, mas com certeza exagerada. Se tomarmos esta distancia por unidade, a luz das mais pequenas estrellas visiveis no telescópio de Herschel, empregaria 7560 annos para transpôr a dis-

tancia que as separa de nós. É ainda excessivamente fraca a um taes adoptada; poderiamos sem receio adoptar uma tres vezes mais consideravel.

Dois instrumentos estão collocados em circumstancias idénticas, os seus poderes penetrantes são proporcionaes aos diametros das suas aberturas. Donde se segue que com uma luneta de 50 centímetros, ou com um reflector de 6 pés como o de lord Rosse, penetrar-se-hia n'uma distancia representada por 2080 unidades!

(Continua.)

ITINERARIO

DE
UMA VIAGEM

A CAÇA DOS ELEPHANTES

POR D. E. DAS NEVES

VI

O Gingelim

Atraxessámos o rio a vau. A agua dava-nos pelos joelhos e em alguns pontos chegava-nos á cintura. Depois de me banhar, seguimos para a povoação do *Gingelim*, aonde chegámos ás sete e meia.

Os pratos da terra de Cossa são mais trataveis e prazenteiros quaes da *Moatani*. Veio logo receber-me o regulo, dirigindo-me o seu — *Chitane, melungo!* — (Bom dia, branco!).

Apromptamente immediatamente palletoas, trazendo-me em seguida um *cherundo* de arroz, outro de feijão e um magarilico gallo e arrado.

Depois de me haver accomodado na palletoa, mandei comprar mantimentos para os pratos e preparar o meu jantar, que consistiu de metade do gallo cozido com arroz, sendo a outra metade assada em um espeto de pau.

Como estava um pouco fatigado, recostei-me na cama, que os meus criados já haviam estendido no chão. Quando estava conciliando o somno fui despertado por muitas vezes, que da parte de fóra da palletoa me diziam: — *Chitane, melungo!* — Como era noite, accendi a vela para ver quem eram os interruptores do meu doce repouso. Deparei então com um bando de pretinhas, que se agrupavam á entrada da palletoa. — *Enguénane!* — (entrem), disse-lhes eu. Ao ouvirem a minha voz fugiram, rindo muito, mas voltaram pouco depois, e disseram-me adeus outra vez.

Torneia dizer-lhes que entrassem. De cada vez que eu fallava, riam muito. Tinha grande desejo de entrar, mas impedia-me o medo. Per fim disse-lhes assim: — *Enjambane mincaita, angashube in-chumo!* (então minha amiguinha, não brinches, medo alguma!) Bateu-me a mão (ellas que contavam 17 annos, disse-lhe: — *Lavissa quita-nhana odana, osanda ingato cine! bene chinchongule wopito e amita!* — (Oh minha querida donzella, não sejas muito de ti! tu és lindissima e admiravelmente bella!) Ao ouvirem es a embaldade as outras batiram palmas e continuaram a soltar grandes risadas, mas desde então o medo que as continha á porta da palhoça desapareceu. Entraram todas para dentro, sentando-se do lado opposto á minha cama. Eram cerca de 20 pretinhas de 10 a 18 annos.

Os pretos da Africa oriental tem as feições mais regulares que os da Africa occidental. Os orientaes que demoram entre 9 a 18 graus de latitude sul da equinoxial são os mais feios porém os occidentaes que vivem em egual latitude são horrenhos. Os pretos ocidentaes que habitam de 18 graus para o sul, á proporção que se afastam da equinoxial são mais perfitos e de feições mais correctas. Os que habitam fóra do tropico são já muito perrenos. Entre estes ha algumas raças que tem as feições tão regulares como os Europeus, e são muito mais intelligentes do que os que vivem dentro dos tropicos. Os pretos que habitam entre o rio *Bembé* e o *Incomatés* são notavelmente perrenos. Têm o rosto comprido, nariz aquilino, labios finos, vivacidade no olhar, peito saliente e delgada a cintura. As mulheres são assim tambem. Porém a cutis das moças é excessivamente fina, e em geral dignas de comparar-se ás moças mais perrenas da Europa. Vestem com muita graça. Envergam sobre os quadris uma *capelana* de lenços, e pela frente outra de zuarte, ambas suspensas de um rosario de contas azues que tem á cintura. Pela parte de traz, por cima do rosario sobressae-lhes um folho da largura de 10 centímetros. A *capelana* de traz e a da frente chegam-lhes aos joelhos. Em volta da cintura vêem-se-lhes muitos rezarios de contas azues e de missanga azul celeste. As mulheres casadas, trajando do mesmo modo que as solteiras, differenciam-se apenas d'estas em trazer os peitos cobertos com um panno da largura de 30 centímetros, bordado nas extremidades com mis-

sanga fina. As donzellas andavam com elles des-cobertos.

Entre as pretinhas havia duas de 19 annos aproximadamente, casadas com o regulo. Conbeia-se que eram casadas por trazarem os peitos cobertos com o regulo e ainda por terem o bello apamhajo ou crina da cabeça, formando um especie de coroa, cujo pontello só é usado pelas casadas. Eram lindas as duas pretas. Entravam com muito animado converso, prendendo-lhes muito a attenção a minha cor e o vestuario. As demais pretinhas, com as mãos apontadas nos joelhos não desfitavam de mais os olhos, mirando-me por todos os lados. Os meus caninos é que deviam as suspensões, duas casadas evidencia-

ram o mais possível a sua curiosidade: apalpavam-me os cabellos e as bambas e mexiam-me na cara, no nariz e nos beiços. Cada analyse, que faziam em mim, era acompanhada d'uma longa admiração! As outras tambem tinham bons desejos de as imitar; não lho permittia porém o seu pulso de donzellas.

Depois de tão circumstanciada exame e de muitas perguntas, pediram-me missanga. Dei-lhes um masso da fina, cor de olho de rola. Dez fios a cada uma das casadas e quatro ás solteiras. De proposito reservei para ultimo brinco a formosa pretinha, que tanto me prendera a attenção. Quiz fazer-lhe comprehender, que me tinha inspirado certo interesse, que não estava muito longe da affeição. Mimoseei-a com um massete de 100 fios de missanga cor de rosa, quantidade que as pretas antepõem a qualquer outra. A pretinha exultou com o presente e eu confesso que participei do seu jubilo! Roguei-lhe que se sentasse e junto de mim. Elle leu-nalocisa, manifestando receio e vergonha ao mesmo tempo. As duas casadas tiraram a mocinha da indecisão em que estava, dizendo-lhe que não receiasse de se sentar junto de mim, pois que eu era esposo d'ella. Este titulo foi acolhido por todas as moças com grandes risadas e palmas. A bella africana assentou-se então ao pé de mim. As outras aproximaram-se tambem. Dominava-as a curiosidade de ver o que eu diria ou faria á donzella. Tive então ensejo d'analysar bem de perto a encantadora ethiope. O seu rosto era como o das formosas e interessantes arabes do Egypto. A bocca era lindissima, os olhos fascinavam. Os labios, entreabindo-se n'um gracioso sorriso, deixavam admirar duas fileiras de bellissimos dentes, cujo esmalte era admiravel. A cutis era fina e lustrosa como um setim. Os

peitos eram mimosos, e apesar de não pouco salientes, não consentia a sua virgindade que tremessem quando andava. Ella tinha os braços cruzados por debaixo dos delicadas peitos, posição esta que a tornava ainda mais seductora. Confesso que me fascinavam tantas perfeições reunidas. Insensivelmente pousei a mão na face da mocinha, e d'ahi descei n'aquella primor da natureza... mas a donzella, ao contacto da minha mão no seio virginal, fez um movimento com um bracinho para desviar-a. Eu retirei-a logo, envergonhada do acto que praticára involuntariamente.

Durante este episodio, as demais pretinhas riam muito e batiam as palmas. Na retirada fizeram fóra da palhota grande algazarra. Chacoteavam com a pretinha dando-lhe parabens d'ella ser minha esposa.

Apenas retiraram serviu-se-me o jantar que comi com bom appetite.

Levantei-me ás seis horas. Quando tomava o chá, entrou o régulo. Mimosei-o com uma xícara de aguardente, que elle apreciou muito mais, do que se eu lhe desse do chá, que estava tomando; depois entregou-lhe duas peças de fazenda e uma capelana, como prova de agradecimento pela obsequiosidade com que me havia recebido e tratado. Elle despediu-se de mim, agradecendo tambem o presente. Quando elle saia, entrava a formosa pretinha, acompanhada de quatro mais pequeninas do que ella. Trazia-me de presente um prato com *ubsua* (papas de farinha de qualquer mantimento) de mexueira (1), e uma tijela cheia de mel. Apreciei muito a lembrança da pretinha, que assim se mostrava grata ao presente da missanga, que lhe havia dado. Provei da sua *ubsua*, o que a lisongeou bastante, brindando-a com dois lenços encarnados de algodão fino.

Pelas sete horas do dia parti do *Gingelim* para a povoação do régulo grande, por nome *Magud*, chegando ás cinco horas e meia da tarde.

IMPRESSÕES DE UM SONHO

(Aos leitores da AMERICA)

IV

Depois de envolver aquella pobre cortezã adormecida em um limpo e penetrante olhar, a virgem começou:

— Esta mulher é oriunda de uma nobre familia, e sendo

(1) Mexueira. — É um mantimento fino, do tamanho do que na Europa dão aos passaros; este é amarelo, e aquella cinzento escuro.

ainda bem criança desposou um mago que a adorava, cujo amar, ao principio completamente correspondido, tornou-se em breve o mais insupportivel odio, porque ella adivinhou que não amava já seu esposo. Mulher nascida para o mundo, conheceu logo que não podia amoldar-se á vida plebeia e serena da esposa e de mãe.

Os dias d'aquella casa, que eram passados nos brajos da alegria, começaram a ser tristes e dolorosos, tal era a esquivança d'aquella esposa transviada para com seu marido.

O fim d'aquella casa, que ainda ha pouco era todo azul, olumbrou-se; a tempestade regia proxima e não se fez esperar.

Um dia, ao voltar de uma viagem, o esposo encontrou a essa deserta; perguntou pela esposa e disseram-lhe que fugira em companhia de um amante.

Foi tal a dor que se apressou d'aquella idealiz, que desapareceu para sempre do theatro da sua deshonra.

Elle tinha muito pendor!

Logo começou para a mesquinha uma vida desenfadada; tornando-se um coitão frango e impudente.

Tomava amantes com a mesma facilidade com que os deixava dois dias depois, e isto tanto em excesso, que chegou a fazer crer que o seu coração era já Ivanisado.

As orgias succediam-se umas ás outras, e o luxo que ella ostentava era inexcusavel edível.

Isto atinou alguns annos; mas um dia o anjo negro da desgraça espantou suas azas sobre ella. Atacada de uma moléstia incuravel, em breve fez o horror de todos.

— Está lazara!

A virgem enlouce.

Eu olhei tristemente para a mulher que tinha adormecida sob minha vista; parecia-me impossivel que aquelle corpo tão delicado estivesse affectado d'esse mal terrivel.

Não me era possivel crer que aquellas mãos aristocraticas fossem em breve o pasto de chagas ulcerosas; mas a virgem não me deu tempo a reflexões, e continuou:

— Habitada a esse fausto, que fazia o seu encanto unico, ella não se capacita do estado em que se acha, cre-se ainda n'aquelles dias de felicidades efemeras, e oppõe á proxima e inevitavel ruina um prestigio dissipado.

Mas, infeliz! dentro em pouco será forçada a crer nessa verdade, embora dura e inexoravel, pois cada dia um objecto qualquer é mandado vender, para sustentar o luxo estúpido de que se rodea; porque aquelles que o sustentavam, tendo presentido o mal que começa a affectar-a, acanharam por se retirar todos.

A virgem calou-se e, apoz breve pausa, continuou:

— Mulher mercenaria e sem brio, que por ouro se vendia, colhe o fructo sazoadado desse viver no crime!

— Basta! bradei travando-lhe das mãos.

— Não, respondeu-me ella, não sabes tudo, e por isso te compadecees tão facilmente desta mulher, indigna de compaixão.

O seu crime é maior do que pensas; ella reúne ao vicio uma soberba inexcusavel, pois leva o cynismo a desprezar suas irmãs no crime, tal é o orgulho de que está possuida.

Eu estava horrorizado.

Tinha compaixão d'aquella mulher, porém a sua historia a tornava repulsiva.

A virgem, percebendo o que em mim se passava, tomou-me a mão e disse:

— Snamos; o contacto desta infeliz envenena.

Travei-lhe da mão com effusão; mas de subito estremecei e dei um grito a uma forte detonação que ouvi junto de mim.

Dei um salto e volteado os olhos achei-me immerso em trevas.

Tateando conheci que estava no meio da floresta, junto da arvore em que me encostara para dormir, ao cair da tarde,

Reassumi as minhas idéas um pouco tumultuadas e comprehendi que sonhara. O tira, cujo estampido me acordara, fora desfechado por mim, suppondo apertar as mãos da virgem, quando na realidade segurava a espingarda e a fazia disparar.

Virgem de tónica branca, mulheres vieirosas e tudo o mais fora uma chimera; tudo desaparecera. O sol, naturalmente, lá muito se occultara no horizonte, pois densas sombras envolviam tudo em redor de mim.

Os passaros tinham emmudecido, e só se ouvia o murmúrio do pequeno regato e os rumores confusos e mysteriosos da floresta.

Alonguei a vista através da floresta e apenas pude lobrigar essas arvores seculares, como somas phosphóreas, movendo-se á leve briza da noite.

O aspecto dessa floresta quasi virgem era muito diferente d'aquelle diante do qual eu me extasiara, algumas horas antes.

Agora era horreroso. E eu tive muito consideração á minha pequenez, ante essa immensidade sepulchral.

Estiquei os membros magoados pelo máo commoço em que estivera deitado, e tomando a espingarda tratei de sair da floresta.

Em alguns momentos estava no campo limpo, á margem do arroio. A luz reflectia nesse crystallino fio de agua, e esclarecia a copo da floresta que eu acabava de deixar, offerecendo ao pensador um espectáculo grandioso e digno de meditação.

Leitor, acabou-se o sonho; talvez não gostes da segunda parte pela transição, mas por essa razão peço-te desculpa. O vão fol de leato; o sol desfez as azas e por isso era forçoso descer.

Queria escrever alguma coisa dedicada aos assignantes da America; saharam as linhas que ahí beam. Boas ou más, ellas te pertencem, leitor.

J. AUGUSTO DA SILVA.

PARIS

O BAIRRO LATINO

(Conclusão)

E em parte alguma a mocidade é tão alegre como aqui.

Pelas ruas, nos theatros, nos cafés, nas brasseries, por toda a parte, emfim, uma expansão, uma exuberancia de vida enormes, impetos de mocidade que alegam e fazem bem. Mas principalmente nos cafés e brasseries, á noite, em vespuras de feriado.

Cafés de nomes academicos e característicos: café de l'Institut, de l'Université, de la Jeune France, de l'Avenir. Brasseries des écoles, du Collège de France, de la Cigarette, de la clinique etc. etc.

Estabelecimentos de porta fechada e largos cortinados para que a gente de fóra não veja o que se passa dentro — coisas que eu não digo ao leitor, mas que o leitor facilmente adivinha. São geralmente servidos por mulheres, rapari-

gas novas e elegantes de toilettes decotadas, e quanto mais formosas e decotadas, mais concorrido é o café. Publico de estudantes e cocottes que alli passam as noites, num tumulto enorme de canções, de musica e de dança. Uma infernoira dos diabos!

Livros por cima das mezas, cachimbos, ganchos de cavallo, cinza, camattes de cerveja e frascos de cognac! Nas paredes, nymphas deliram em quadros, e, a um canto da sala, um velho piano combalido e dyspnetico, por grandes indigestões de musica, diz seus longos soffrimentos na desaffinação das notas.

Conhecem-se estas cafés nada mais que pela algazarra que se lá faz dentro, pelos cortinados das vidraças e pelo arrastido, que tem á porta, dos bailes de Bullier.

O Bullier é uma especie de Recreios Whittoyne, na construcção e aspecto das salas, mas onde só se dança, e onde se dança especialmente o can-can doidamente e furiosamente, n'uma atmosphera de fumo e alcohol e ao som estridente de instrumentos de metal, que não tocam, que espetam a musica pelos ouvidos do publico! E necessario entrar-se ali para se formar uma idéa exacta do que aquillo seja.

As mulheres têm entrada de graça e os homens pagam um franco. Os estudantes têm sempre um franco para entrar no Bullier, e, como as mulheres não pagam nada, vão sempre acompanhados.

Mas mesmo nunca lhas é difficil achar uma companheira. O estudante procura a costureira ou a cocotte, como a cocotte a costureira procuram o estudante, do que resulta encontram-se sempre.

Mas a costureira de hoje que não é já, como talvez ahí julguem, como a costureira de outros tempos. O typo classico da grisette desapareceu do bairro, e só existe actualmente nos romances de Paulo de Kock, nos contos de Minger e na phantasia ardente dos seus collegas de Lisboa. A costureirinha ingenua e sympathica que vivia de amore privações, na bohemia de um quinto andar, apaixonada e anemica, typo sentimental e poetico, das escolas, já se não encontra aqui como os meus amigos julgam.

Mais pratica e menos lyrica, vae tratando como póde de fazer vida como as outras, vida de cocotte é claro, mais ou menos effrontée, mais ou menos exigente, mas cocotte em todo o caso.

O que ellas acham muito mais rendoso e mais proprio á nutrição.

Já se não ouve, como d'antes, em bocca de costureira a conhecida estrophe:

« Moi, mes amis, je veux rester grisette,
 Je veux rester dans le quartier latin;
 Cela vaut mieux que de finir lorette,
 En désertant vers le quartier d'Antin...
 Et l'indienne ici vaut mieux que le satine,
 Le vrai plaisir redoute la débauche;
 L'éclat porte toujours ombrage au bonheur.
 Voilà pourquoi j'aime la rive gauche...
 Le côté gauche est le côté du cœur. »

O bairro latino é hoje uma especie de escola de aprendizagem. Se passado um certo tempo se acham enfim com vocação formada e conhecedoras já dos pequeninos segredos do officio — adaus, amor!... Mettam-se no primeiro trem que encontram e fouette, cochon!... — atravessam o Sena, e vão para os grandes boulevards fazer a caça aos luizes.

Depois, quando envelhecem ou morrem, para aqui voltam outra vez e são ainda os estudantes que as recebem, mas em certos hospitais então, ou nas mesas de dissecação dos amphitheatros de anatomia.

E' esta a pequenina orbita que geralmente descrevem os astros do boulevard.

A alta galanteria parisiense, as cocottes mais celebres e as mulheres mais admiradas do mundo das entratenuies, por aqui passaram primeiro e aqui tiveram todas a sua jeunesse e os seus amores.

E por isso este bairro lhes merecerá sempre um momento de recordação e, mesmo no luxo e na gloria de uma vida opulenta e invejada, não se esquecerão por cento — dos bailes do Bullier, das magras ceias baratas, a franco por cabeça, e, nas manhãs claras de verão, dos bellos passeios ao campo, em companhia de um estudante amigo.

Um bom passeio ao campo é para todo o parisiense o maior prazer de verão e é curioso ver nos domingos de julho e agosto bandes de estudantes e raparigas que atravessam os boulevards para irem tomar o omnibus ou o caminho de ferro que os deve levar ao campo.

E depois, assim que são chegados, que idyllios e que enthusiasmos, com vinho a 80 cent. o litro e bellas matelotes de enguias a 50 cent. o prato. Um ideal!

Asnières, Bougival, St. Cloud e Robinson, um bosque delicioso, com restaurantes entre o arvoreado e pequeninos quartos discretos com a capacidade apenas para duas pessoas se amarem.

..... « Envolons-nous,
 Mignonne, mets ta robe blanche... »

Allons, volons! et l'on rira.
 Le soir venu dans la guinguette,
 Sous le bosquet que chacun guette,
 Vous dinerez en minaudant;
 C'est l'heure où le cœur est ardent... »

(GEORGES LORIN — *Hydropathe*.)

Mas agora vejo que me esquecia de lhes fallar do club dos *hydropathes*, que vocês não advinharão por cento o que seja, julgaria talvez um estabelecimento de banhos, ou um club original em que as cadeiras, e fauteuils são substituidas por tinas e bidés.

O club dos *hydropathes* não é mais d'isto, como o nome poderia indicar; e a razão d'esse nome não a poderei eu explicar e talvez que nem os proprios *hydropathes*.

E um club de litteratos, de artistas e de estudantes. Alguns nomes já conhecidos em Lisboa e entre estes, principalmente Carlos Graes, auctor do *Coffret de Santal*, uma esplendida colleção de versos, Gondreau, escriptor dramatico e Cequelin Cadet que ali tem recitado alguns dos melhores *monologos* do seu repertorio da Comédie Française.

Os poetas dizem os seus versos, outros teem os seus trabalhos ineditos, os pintores mostram os seus quadros e os musicos executam nos seus instrumentos os trechos que elles mesmos compozeram.

De resto, um esplendido cavaco matisado de bellos ditos e anedotas que depois vão correr trunfo nas columnas dos jornaes parisienses e que vocês ahí leem nas *nouvelles à la main* e nos *mots de la fin* do *Pigaro*, do *E'vénement* e d'outras jornaes parisienses.

O club que se conservou fechado durante as ferias, reabriu com a entrada do anno lectivo e as suas festas vão recommençar de novo mais brilhantes e concertadas, com a entrada de novos socios.

« Pour sûr, les bourgeois vont frémir!
 Les bonasses!
 Et leurs faces,
 Très-cocasses
 Vont blémir.
 « Car l'émeute litteraire,
 Va regronder dans notre aire,
 Et nos fêtes
 De poètes
 Sur leurs têtes
 Vont tonner... »

O que prova que no bairro latino se faz mais alguma cousa do que dançar o can-can no Bullier e beber cognac nas *brasseries*.

Faz-se litteratura e ante e estuda-se tambem.

E é aqui, meus caros, que eu desejaria ter o prazer de os encontrar para lhes servir de companheiro e guia n'este mundo curioso de estudantes e artistas, em quanto a faculdade de medicina a que tenho a honra de pertencer, como o mais obscuro dos alumnos, me não manda enfim para a patria com a sciencia sufficiente para curar a dispepsia do indigena e as indigestões dos meus amigos.

Fogão aceso, um cálix de vinho branco e em dias prósperos de mesada, uma tranche de pudim, regada de fine champagne.

E tudo o que lhes posso dar, se quizerem mais, é simples, puxem os cordões á bolsa.

Paris, 15 de novembro de 1870.

A. BERTHELOTT RODRIGUES

DOIS TEMPOS

A FOUNTAINE XAVIER

Um dia... oh! bem me lembro!... a tarde em tão linda! Nas montanhas d'aleu... o sol já declinava... Em seixamos envolto, um quando compaiva Aquelle por do sal: - da gloria que se finda!

De subito surgiste e eu disse: se bemvinda Sublime apparição do anjo que idealva! D'entre as sombras do val, te ver então sonhava Gozar comigo a sós de mais amar amada!

Desde então te segui! Travei ingente lucta!... Para sempre ter-te amou, não hoaver sacrificio Que louco não venesses!... Até te deia a vida!

Mas hoje, ao ver-te assim qual uma flor pontua Na carreira fatal do mais nefando vicio, Eu sé, eu só te odeio, o val mulhar perdida.

José RAMOS.

REVISTA COMMERCIAL

PRIMEIRA QUINZENA DO MEZ DE JANEIRO DE 1880

Parece que alguns Srs. corretores redansaram ultimamente conta a morosidade com que se fazem as transfe-rencias de apolices na caixa de amortização. Não entrando na analyse da origem do mau serviço que se presta em prejuizo das partes interessadas, para as quaes - the time is money, vamos lembrar, a exemplo do que outras têm feito - o seguinte processo que se poderia empregar no serviço em questão, persuadidos de que teria a vantagem, que justamente se reclama de grande economia de tempo, embora, acaso, occasionasse algum pequeno augmento na verba relativa ao quadro das empregados da caixa de amortização.

ESTABILISAMENTO. Eis o processo que lembramos: 1.º - Estabelecer o systema de endosse nas apolices, sendo reconhecido a firma do cedente, cuja presença e assignatura seria dispensada na caixa. O comprador ou cessionario assignaria, conjunctamente com o corretor, a minuta (ou proposta) e bem assim o termo da transfe-rencia. 2.º - O Registro de possuidores de apolices e Livro de transfe-rencias seriam cada um d'ellos, divididos em tres partes ou series, correspondendo: a primeira, ás inicias A a I; a segunda, a J; a terceira, finalmente, a K a Z.

Os livros de transfe-rencias da primeira e terceira parte estariam a cargo de um empregado e o da segunda a cargo de outro, e escripturados por um terceiro por copia das minutas (ou propostas) o Registro de possuidores.

Mas, mantenham o systema actual, ou adoptem qualquer outro, o que em todo o caso é necessario é que os portadores de apolices para transfe-rencia sejam attendidos convenientemente.

CAMBIO:

O movimento do mercado de cambio manteve-se, na generalidade, durante a quinzena - firme, mas pouco activo, fechando com transacções de pouca importancia por falta de papel para negociar.

No dia 13, os Bancos adoptaram as taxas de 27 do pasado, para o paquete sahido a 15 do corrente, sendo:

Table with exchange rates for London, Paris, Hamburg, and Portugal.

O movimento da Bolsa foi regular durante a quinzena, excepto no dia 2 do corrente em que não houve vendas. Os preços de effeitos e negociações dos fundos publicos e particulares tiveram influencia os juros e asuctos do exterior a receber. Durante o referido periodo regularam as seguintes cotações:

METRES:

Table with financial data for 'Sobranos' including 'Pragos extramos', 'De venda', 'De compra', and 'Negociado'.

FUNDOS PUBLICOS:

Table with public funds data including 'Branco de 6%', 'Ditas mudadas', 'Ditas provinciaes', 'Em restimo Nacio', and 'Emprestimo Nacional de 1873'.

LETRAS HYPOTHECARIAS

Table with mortgage letters data for 'Do Banco do Brasil' and 'Do Banco Preal'.

ACOES DE BANCOS E COMPANHIAS

Table with bank and company shares data for 'Bancos' including 'Brasil', 'Commercial', 'Comercio', 'Industrial', 'Metallurgica', 'Santos', 'Petrobr', and 'Banco'.

Companhias d' estrada de ferro:

Leopoldina.	Preço minimo	200\$000	195\$000	203\$000
» Bah. » » »		202\$000	198\$000	200\$000
Macahé e				
Campes.		70\$000	—	—
» Bah. » » »		—	55%	—
Petropolis.		200\$000	—	—
S. Paulo e Rio. » » »		190\$000	—	—
» Bah. » » »		200\$000	195\$000	—
Sorocabana. » » »		90\$000	—	—
(Deb. de £ 50) » » »		80%	—	—
(» 100\$000) » » »		60%	50%	—

Companhias de bonds:

Niteroiense. Preço minimo	—	20\$000	—
S. Christovam. » » »	200\$000	208\$000	—
Urbanos(carris) » » »	200\$000	198\$000	—

GENEROS

Cafe: Desde a nossa ultima revista de 31 de passado venderam-se 142.856 saccas.

No principio d'este mez, em consequencia de avisos menos favoraveis dos centros consumidores, a procura esmoreceu, e o negocio tornou-se limitado e acanhado, tornando-se mais favoraveis as vendas do dia 7 em diante. As ultimas transacções de valto estabeleceram as seguintes cotações, com as quaes o mercado fecha pouco firme.

As entradas regularam-se:

Media diaria.	4.596	saccas
Durante a quinzena.	68.040	»
Em igual periodo de 1879.	83.446	»
Em ser.	312.000	»

Despacharam-se:

Durante a quinzena 104.279 saccas no valor de 3.427.155\$255.

A sahida do artigo teve o seguinte destino :

EMBARQUES

Canal, Norte e Mediterraneo	saccas	69.755
Caba.	»	5.397
E. Unidos.	»	65.121
Bif. portos.	»	2.583
	Saccas	142.856

COTAÇÕES

Lavado.	Nominal	
Fino e superior.	9\$100 a 9\$800	640 a 667
1ª Boa.	8\$000 » 9\$100	612 a 619
Primeira.	8\$500 » 8\$700	578 a 592
Regular.	8\$000 » 8\$300	544 a 565
2ª Boa.	7\$400 » 7\$700	503 a 524
2ª Ordinaria.	6\$500 » 7\$000	449 a 476

Açucar: — Sofrem ainda os de Pernambuco a concorrência dos engenhos centraes e por essa razão tem seguido o negocio com o genero desta procedencia muito resumido em parcelas de 25 saccas.

Falta ainda o genero de Aracaju bom; no genero de Campos muitos negocios se tem desenvolvido por que tem-se vendido grandes partidas para embarque.

Vendau-se durante a quinzena :

Pernambuco.	1.750	saccas
Maceió.	320	»
Campos.	12.000	»

Ficam em ser:

Pernambuco.	250	»
Maceió.	520	»
Campos.	18.000	»

Gotamos :

Pernambuco, 2a. serie.	não ha
» 3a. »	305 a 333
» 4a. »	nominal
» Somenos.	»
» Mascavos.	»
Maceió, branco.	290 a 320
» mascavo.	Nominal
Campos, branco, engenhos centraes.	235 a 305
» Mascaviuho » » »	230 a 245
» Mascavo » » »	177 a 210

Fumo: — A posição d'este mercado acha-se nas mesmas condições que expusimos em nossa ultima revista— Nos mercados do Rio da Prata nada se tem feito de importante, realizando-se apenas pequenas vendas.

Toucinho:—O mercado acha-se um pouco fecho, o de Minas, unica procedencia, que apparece no mercado, acha-se este pouco suprido em qualidade superior, abundando, porém, em ordinaria.

O mercado fecha firme ás seguintes cotações:

Superior	660 a 720	por kilo
Regular	460 a 500	» »

Queijos de Minas: — O mercado acha-se regularmente suprido, cotando-se de 700 a 1.100, conforme a qualidade.

Carna verde: — Durante a quinzena passaram em Barra Mansa com destino a Maxambomba, 4.731 Rezes — de peso regular.— D'estas, eram: 1.982 anzutas e 2.819 gordas. A media diaria, da passagem, regulou 315 Rezes.; e o peso médio das Rezes 12 arrobas.

O preço por arroba, na praça, em Maxambomba, regulou de 5\$000 a 6\$000 rs.; e no matadouro, de 200 a 440 por kilo.

Aviso

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção, rua 1ª. de Março n. 78, sobrado.

Recebem-se annuncios para a capa, ao preço de 5\$000 por cada oito centimetros de altura, ou 15\$000 por anno, para o mesmo espaço— como se vê dos dois insertos na capa d'este numero.